



O ESPORTE PARALÍMPICO COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO: O ENIGMA DE ANDRÉ BRASIL

Resumo - O ser humano tem uma relação simbólica com o espaço em que habita, convive e se situa. Bachelard traz a “casa” como imagem poética do espaço que acolhe, confina, diminui, aumenta, projeta e deixa cada um possa ter sua identidade. Mas, o que resta quando se é abruptamente privado desse espaço, dessa “casa”, desse habitat. Esta é a questão que o artigo pretende responder ao fazer uma analogia pelo imaginário, do esporte paralímpico como sendo a “casa”, ocupada por um atleta com deficiência. Mais especificamente, com o estudo de caso do nadador André Brasil, que após 14 anos de carreira, foi considerado inelegível por classificadores do Comitê Internacional Paralímpico – IPC. A análise de seu discurso remete imagetivamente ao filme: O Enigma de Kaspar Houser. O método investigativo é o de narrativas biográficas, que se estende para além de marcos históricos ou sociais e adentra o campo da subjetividade marcado por construções simbólicas que devem ser entendidas nesse contexto. Sendo assim, o objetivo deste artigo é atestar, pelo prisma da subjetividade, o esporte como um espaço de pertencimento do atleta paralímpico e sua representatividade na trajetória do atleta.

Palavras-chave: Esporte paralímpico; atleta paralímpico; pertencimento.

PARALYMPIC SPORT AS A SPACE OF BELONGING: ANDRÉ BRASIL'S ENIGMA

Abstract – The human being has a symbolic relationship with the space in which he lives, lives together and places himself. Bachelard brings the "house" as a poetic image of space that welcomes, confines, diminishes, increases, projects and allows each one to have his identity. But what remains when one is abruptly deprived of this space, of that 'house', of that habitat. This is the question that the article intends to answer when making an analogy by the imaginary, of the paralympic sport as the "house", occupied by a disabled athlete. More specifically, the case study of the swimmer André Brasil, who after 14 years of his career, was considered ineligible by classifiers of the International Paralympic Committee (IPC). The analysis of his speech refers image to the film: The Enigma of Kaspar Houser. The investigative method is that of biographical narratives, which extends beyond historical or social milestones and enters the field of subjectivity marked by symbolic constructions that must be understood in this context. Thus, the objective of this article is to attest, through the prism of subjectivity, the sport as a space of belonging of the paralympic athlete and its representativeness in the trajectory of the athlete.

Keywords: Paralympic sport; Paralympic Athlete; belonging.

EL DEPORTE PARALÍMPICO COMO ESPACIO DE PERTENENCIA: EL ENIGMA DE ANDRÉ BRASIL

Resumen - El ser humano tiene una relación simbólica con el espacio en que habita, convive y se sitúa. Bachelard trae la "casa" como imagen poética del espacio que acoge, confina, disminuye, aumenta, proyecta y deja cada uno tener su identidad. Pero, lo que queda cuando se es abruptamente privado de ese espacio, de esa "casa", de ese hábitat. Esta es la cuestión que el artículo pretende responder al hacer una analogía por el imaginario, del deporte paralímpico como siendo la "casa", ocupada por un atleta con discapacidad. Más específicamente, el estudio de caso del nadador André Brasil, que, tras 14 años de carrera, fue considerado inelegible por clasificadores del Comité Internacional Paralímpico - IPC. El análisis de su discurso remite a la película: El Enigma de Kaspar Houser. El método investigativo es el de narrativas biográficas, que se extiende más allá de marcos históricos o sociales y adentra el campo de la subjetividad marcado por construcciones simbólicas que deben ser entendidas en ese contexto. Siendo así, el objetivo de este artículo es atestar, por el prisma de la subjetividad, el deporte como un espacio de pertenencia del atleta paralímpico y su representatividad en la trayectoria del atleta.

Palabras-clave: Deporte paralímpico; Atleta paralímpico; pertenencia.

*Luciane Maria
Micheletti Tonon*

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo*

luciane.tonon@gmail.com

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v2n2.id53](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v2n2.id53)*

Introdução

O ser humano tem uma relação simbólica com o espaço em que habita, convive e se situa. Há uma necessidade intrínseca de se firmar. Projeta-se em cada interação com o espaço ao seu redor e nele confessa o desejo de ali permanecer. Por esse caminho, o filósofo Gaston Bachelard em sua obra “A Poética do Espaço”¹ reflete sobre as relações simbólicas pelo viés da interação realidade e imaginação na construção de um ideário marcado pela fenomenologia. Segundo o autor¹ (p. 200) “[...] é preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo”.

A forma como o homem se enraíza, de acordo com o filósofo, é o espaço que oferece ao lhe receber e lhe moldar. Cassirer² afirma que a existência das coisas está ligada à estabilidade dela em determinada unidade espacial. Porém, ele mesmo questiona, o que o espaço significaria para a construção e conquista da realidade. A resposta segue então com Bachelard¹ ao dizer que o espaço é uma das primeiras descobertas do homem que dedica tempo para fincar os pés e marcá-lo de alguma maneira. O espaço acolhe, confina, diminui, aumenta, projeta e deixa cada um ter sua identidade.

Por vezes acreditamos que conhecer-nos no tempo ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. Essa é a função do espaço”¹ (p. 202).

O autor¹ (p. 366) usa a imagética de uma casa e seus devidos cômodos para mostrar que todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa, “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões e ilusões de estabilidade”. Para ele, a simbologia da casa como abrigo, refúgio, aposentos torna-se elemento de unificação e integração do homem frente a um mundo de dispersão de sonhos, de lembranças e de pensamentos.

Mas, o que resta quando se é abruptamente privado desse espaço, dessa casa, desse habitat. Esta é a questão que o artigo pretende responder ao fazer uma analogia pelo imaginário, do esporte paralímpico como sendo a “casa”, referida por Bachelard, ocupada por um atleta com deficiência. Mais especificamente, o estudo de caso do

nadador André Brasil, que após 14 de dedicação tendo conquistado 14 medalhas paralímpicas, foi considerado inelegível. Seu discurso de desatino remete ao filme: *O Enigma de Kaspar Houser*, de autoria de Werner Herzog, gravado em 1974.

O filme segundo Sachete e Brisolara³ traz a história de um jovem acorrentado em um calabouço durante 15 anos, que era alimentado com pão e água por um homem misterioso. O prisioneiro brincava com um cavalo de madeira, e o nome do objeto era a única palavra que pronunciava: cavalo. Já crescido, o homem misterioso quer que o jovem aprenda a ler e a escrever então ele lhe dá papel e tinta. O jovem aprende a escrever seu nome, Kaspar Hauser. No domingo de Pentecostes de 1828, o homem de chapéu e capa preta retirou Kaspar do cativeiro e o deixou na praça do Vilarejo de Nuremberg, com uma carta na mão para o oficial da guarda. Perplexos com a figura, os moradores o trancaram novamente. Mas, ao verem que o rapaz não era violento e se mostrava inteligente, tentaram o introduzir ao meio. Durante dois anos, ele ampliou seu vocabulário ensinado por uma família e por um padre que o ajudaram.

Um dia ao passear até a torre onde permaneceu preso, mostraram a Kaspar, o local em que esteve, como sendo um pequeno quarto. O jovem discordou dizendo que o quarto era maior do que tudo e replicou: “Quando estou dentro do quarto e olho à direita, à esquerda, a frente ou atrás, só enxergo o quarto. Quando mim (ainda aprendendo a falar) olha para a torre e depois viro de costas, a torre desaparece. Então, o quarto é maior que a torre”*. Não tardou, o jovem perdeu a vida misteriosamente, o que levou a comunidade a desconfiar que ele pertencia à nobreza e fora escondido para nunca assumir o trono, que lhe era incumbido. Justifica-se assim sua história ser um enigma.

Na história real, após 14 anos de carreira dedicada à natação paralímpica, o nadador André Brasil, foi considerado inelegível por classificadores do Comitê Internacional Paralímpico – IPC, ao apontarem um mínimo de força propulsora no pé esquerdo (onde o nadador tem sequelas de poliomielite) indeferindo assim, a deficiência do atleta para as classes de S1 a S14, correspondentes à natação paralímpica de acordo com as normas de Classificação Funcional. Por classificação funcional entende-se que é a estrutura de competição usada no esporte paralímpico para criar um

* Kaspar Houser - fala durante o filme em 1:02'08". Herzog W. *O enigma de Kaspar Hauser* [motion picture]. Herzog W, director. Weltvertrieb: Cine Internacional; 1974. 109 min, sound, color, legendado.

campo de jogo nivelado. Isso garante, que ganha o melhor atleta (mais habilidoso, apto e tático) e não o atleta com o menor nível de comprometimento, “A classificação determina quem é elegível para competir em um paradesporto e agrupa os atletas em classes esportivas de acordo com sua limitação de atividade em um determinado esporte”⁴ (p. 2).

Embora em contextos diferentes, a comunhão dos personagens se dá na maneira como foram privados de continuar no espaço que pertenciam, testificando a teoria de Bachelard. Isso posto, ressalta-se que o objetivo deste artigo é atestar, pelo prisma da subjetividade, o esporte como um espaço de pertencimento do atleta paralímpico e sua representatividade na trajetória do atleta.

Método

Para se cumprir o objetivo proposto nesse artigo usou-se o método narrativas biográficas^{5,6}, que é um processo de organização das lembranças traduzidas em narrativas onde estão implicadas questões caras ao campo da memória social. O método se estende para além de marcos históricos ou sociais e adentra o campo da subjetividade marcado por construções simbólicas que devem ser entendidas nesse contexto. Narrativas explicadas por Benjamin⁷ (2012) como forma artesã de comunicação, permitindo, segundo Rubio⁵ (p. 112),

“[...] a reexperimentarão de situações passadas não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela resignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter ou subverter a narração obedecendo a uma cronologia própria a afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto, um contexto”.

E, biográficas porque considera “[...] os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento”⁵ (p. 112) a partir do convite: “Por favor, conte-me sua história de vida”, abrindo assim um processo dialógico entre colaborador e pesquisador.

Os princípios básicos do método são a escuta e o diálogo evitando elaborar conclusões. Leão⁸ (p. 27) diz que para isso é preciso se abrir para a percepção atenta, renunciando a qualquer opinião, preconceito ou juízo de valor, “Precisamos mergulhar

na percepção atenta com uma postura que evita julgamentos afobados”. O real deve ser descrito, não construído ou constituído⁹, portanto, descrever o que se ouve, sem conduzir, somente compreendendo a oralidade de cada colaborador, fidelizou o método escolhido.

O processo das narrativas começa pela palavra, “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia em mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor”¹⁰ (p. 113). As palavras oralizadas, uma vez gravadas e transcritas, se tornam um documento semelhante a qualquer outro texto. Queiroz¹¹ pontua que a história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Vale lembrar que estamos em plena era digital. Era em que os documentos, ou registros históricos saem do papel e passam para as plataformas digitais e midiáticas. Neste contexto, é preciso entender que a questão subjetiva se mostra essencial ao se valer da história de vida como um documento. A história narrada é diferenciada pela independência dos suportes probatórios. Como enfatizam Meihy e Holanda¹² (p. 34), “As incertezas, descartabilidades da referenciação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diversos dos documentos convencionais úteis à história”.

Pode-se frisar que três pontos fundamentais caracterizam a metodologia usada. Primeiro que o método parte da experiência provada por cada colaborador; segundo que os colaboradores têm um reencontro com o real “puro e simples”; e terceiro a voluntariedade de externar verbalmente tal experiência. Algumas das falas também foram transcritas a partir de entrevistas à mídia televisiva, todas documentadas em vídeo para fidelizar a fala do próprio atleta.

O enigma do nadador

O habitat “piscina” surgiu muito cedo na vida de André Brasil. Assim que foi diagnosticado com paralisia infantil aos seis meses de vida. Após consultar vários médicos, a família decidiu buscar alternativas para que as sequelas fossem menores possível. Foram oito anos de tratamentos, cirurgias e rotina hospitalar, mas uma das recomendações, a natação fez do até então, pequeno de botas, descobrir o mundo.

“Comecei a andar com quase três anos de idade. Imagina você com uma bota grande que fica presa no seu pé o dia inteiro e : tinha que dormir com aquilo”†.

Com nove anos de idade, a primeira professora de natação de André, o chamou para fazer parte da equipe principal, composta de alunos mais velhos e sem deficiências. Os treinos eram diários, o que o fez ter resultados significativos em pouco tempo.

“Eu entrei, me acolheram muito bem. Naquela ocasião eu não tinha me desenvolvido ainda, era franzino e magrinho. Aí eu comecei e na minha primeira competição, eu fiquei em terceiro lugar e foi aí que falei: 'bom acho que tenho talento para isso'‡ .

Ao ser acolhido, o pequeno nadador saiu do espaço confinado da “deficiência” fadado a rotina hospitalares e se firmou em seu novo habitat, a piscina. O que nos matizes poéticos Bachelard¹ (p. 196) diz ser “espaços louvados a seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se também valores imaginados e esses valores são em pouco tempo, valores dominantes”.

“Mas, eu gostava de estar ali. Era um meio que as pessoas me tratavam como igual. Para eles pouco importava se eu tinha ou não uma deficiência”.§

Assim como o espaço concentra o ser no interior dos limites que o protegem, André Brasil seguiu nadando sem muitas pretensões. Até que em 2004, ao assistir as Paralimpíadas de Atenas pela televisão, descobriu um novo ídolo: Clodoaldo Silva. Sentiu-se motivado a seguir o caminho de atleta paralímpico. Viu a possibilidade crescer ao conhecer o nadador canadense chamado Benoit Huot, que tinha a mesma deficiência que ele. Estava claro sobre seu lugar de pertencimento, a natação

† André Brasil, relato oral em 25/04/2013. TV Cocoricó com André Brasil. São Paulo: Cultura; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjl5vXYKMQk>.

‡ André Brasil – relato oral em 25/04/2013. TV Cocoricó com André Brasil. São Paulo: Cultura; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjl5vXYKMQk>.

§ André Brasil – relato oral em 25/04/2013. TV Cocoricó com André Brasil. São Paulo: Cultura; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjl5vXYKMQk>.

paralímpica. Já com 20 anos de idade, em sua primeira competição quebrou o recorde Mundial dos 50m livre, no Circuito Loterias Caixa Brasil de Natação, em Belo Horizonte-MG. Na segunda competição, mais um recorde mundial nos 100m borboleta, em Recife-PB. Três anos depois o atleta representou o Brasil nos Jogos Paralímpicos de Pequim, 2008.

“Estive na China participando dos meus primeiros Jogos Paralímpicos ganhando minhas primeiras medalhas. Foram cinco lá, quatro de ouro e uma de prata. E hoje somada a Londres, 2012 são 10 que eu tenho, 7 de ouro e três de prata”^{**}.

Ao lembrar o cenário dos Jogos Paralímpicos, o atleta traz a alegria na fala por ser o lugar onde deixou suas marcas. E como disse o filósofo: “Nesse teatro do passado que é a memória; o cenário mantém os personagens em seu papel dominante”¹ (p. 28). Assim como numa casa, a decoração e os objetos que preenchem o espaço são o resultado da construção da identidade, cada medalha conquistada pelo nadador representou, pelo imaginário, novos quadros pendurados na parede. O que deu a ele a sensação de pertencer cada vez mais à natação paralímpica. Esteve presente em três Jogos Paralímpicos: Pequim, 2008, Londres, 2012 e Rio, 2016, além dos Mundiais de Durban, Eindhoven; Montreal, Glasgow e Cidade do México. Participou também de três Jogos Parapan-Americanos Rio, 2007, Guadalajara, 2011 e Toronto, 2015 conquistando assim 47 medalhas de ouro, 15 de prata e cinco de bronze.

“No último mundial quando eu toquei a parede, eu olhei para meu técnico, não foi o que a gente esperava, mas eu gritei bem alto: aqui não, aqui é nossa casa, é nosso lugar, a gente vai continuar aqui”^{††}.

Rumo a Tóquio 2020, o nadador se deparou com uma ruptura irreparável na sua carreira. Em abril de 2019, durante o Aberto Internacional de São Paulo, André Brasil, assim como outros nadadores em posição “borderline” - no limite da classe atual, foi

^{**} André Brasil - relato oral em 25/04/2013. TV Cocoricó com André Brasil. São Paulo: Cultura; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjl5vXYKMQk>.

^{††} André Brasil, relato oral 24/08/2013. Corujão do esporte. André Brasil explica sua deficiência, mas afirma: “Não me vejo diferente do César Cielo”. Rio de Janeiro: Rede Globo; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/2779252/>.

convocado para uma reclassificação. Partindo de novos critérios de exigências do Comitê Internacional Paralímpico, os classificadores observaram um movimento mínimo de propulsão no pé esquerdo, tornando-o inelegível. Aparentemente sua deficiência é clara, pela diminuição de 5 centímetros de espessura de uma perna na outra o que o faz calçar 43 no pé direito e 36 no esquerdo, mas após 14 anos, teve que despertar ao seu espaço.

“Meu sonho foi interrompido, sem escolha própria; sem eu definir que ele tinha que acabar agora. Eu não consigo nem pensar, que eu tinha planos de levar meu filho para Tóquio, de estar com minha família de novo lá (choro) e isso tudo acabou”‡‡.

A frase do nadador expressa o quanto o seu “quarto” era maior que a torre. Apesar do espaço imenso que se abre no horizonte fora da água, ao virar as costas, para o cenário da natação paralímpica ele não vê mais a torre.

Considerações Finais

Tentaram ensinar Kaspar Houser a falar, mas as palavras foram incapazes de dizer a ele o que o espaço não ensinou a dizer; aprendeu música e noções de matemática, mas, como sugere Bachelard¹ (p. 2001), “as lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa” (p.201). Desolado com o mundo exterior, ao tentar ser adotado por uma família Kaspar diz: “A única coisa interessante em mim, é minha vida”§§. Ao conhecer os homens, suas regras e atitudes, Kaspar os definiu como “lobos humanos”.

A desolação de Kaspar coincide com a de André. Em forma de desabafo, escreveu em suas redes sociais: “Indignação, revolta, tristeza... uma história apagada. Em um dia somos tratados como números de pontos na classificação e não como seres humanos. Isso é o que chamamos de esporte paralímpico?”***

Assim como Kaspar, o que resta agora ao nadador é aprender andar e se firmar em outro espaço, tocando paredes, descendo escadas, abrindo portas e imprimindo ali, razões e ilusões de estabilidade.

‡‡ André Brasil - Relato oral em 25/04/2019. TV Cocoricó com André Brasil. São Paulo: Cultura; 2013 [citado 25 mai. 2019]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjl5vXYKMqk>.

§§ Kaspar Houser - fala durante o filme em 1:23'57". Herzog W. O enigma de Kaspar Hauser [motion picture]. Herzog W, director. Weltvertrieb: Cine Internacional; 1974. 109 min, sound, color, legendado.

*** André Brasil – postagem em rede social. Tweeter [citado 24 mai. 2019].

Referências

- 1 Bachelard G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes; 1993.
- 2 Cassirer E. A filosofia das formas simbólicas: III Fenomenologia do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
- 3 Sachete AS, Brisolara VS. Análise vigoskyana do filme O Enigma de Kaspar Hauser. *Signo*. 2013, 38(65): 114-115.
- 4 IPC. Explanatory guide to Paralympic classification. International Paralympic Committee; 2015 [citado 25 nov. 2017]. Disponível em https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15+Explanatory+guide+Classification_summer+FINAL+_5.pdf.
- 5 Rubio K. Preservação da Memória: A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos. São Paulo: Képos; 2014.
- 6 Rubio K. Narrativas Biográficas: A construção de um método. São Paulo: Laços; 2016.
- 7 Benjamin W. Obras escolhidas (vol. 1). São Paulo: Brasiliense; 2012.
- 8 Leão L. Narrativas e Histórias de vida na pesquisa acadêmica: Reflexões sobre o método. In: K RUBIO (Org.). *Narrativas Biográficas: Da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços, 2016. p. 21-37.
- 9 Merleau-Ponty M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- 10 Bakhatin M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec Editora; 1981.
- 11 Queiroz MIP de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice; 1988.
- 12 Meihy JCS, Holanda F. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto; 2013.